



## Artigo Original

### ARTETERAPIA E AS FASES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: APONTAMENTOS GERAIS

### ART THERAPY AND THE PHASES OF HUMAN DEVELOPMENT: GENERAL NOTES

Maíra Bonafé Sei<sup>3</sup>

#### Resumo

A Arteterapia se configura como uma forma de intervenção terapêutica que pode ser amplamente empregada, abrangendo vários campos do conhecimento, como Saúde, Educação, Organizações, com possibilidades de aplicação junto a indivíduos de variadas faixas etárias. Contudo, poucas são as publicações destinadas a abordar as especificidades da Arteterapia em cada etapa do desenvolvimento. Diante deste panorama, objetivou-se discorrer sobre a Arteterapia com gestantes, crianças, adolescentes adultos e idosos, delineando apontamentos gerais sobre as características deste tipo de intervenção com os diferentes públicos. Espera-se, com esta apresentação, melhor instrumentalizar o arteterapeuta que se dispõe a trabalhar com estes indivíduos.

**Palavras-chave:** Arteterapia, Desenvolvimento humano, Características.

#### Abstract

Art Therapy configures itself as a way of therapeutic intervention that can be widely employed, covering various fields of knowledge such as Health, Education, Organizations, with possibilities of application with the individuals of different age. However, there are few publications designed to address the particularities of Art Therapy at each stage of

---

<sup>3</sup>Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Professora Adjunta junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise – CCB - UEL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>. E-mail: [mairabonafe@gmail.com](mailto:mairabonafe@gmail.com)

development. Given this scenario, the aim was to discuss the art therapy with pregnant women, children, adolescents, adults and the elderly, outlining general notes about the characteristics of this type of intervention with different audiences. It is expected, with this presentation, better prepare the art therapist who is willing to work with these individuals.

**Keywords:** Art therapy, Human development, Characteristics.

### **Arteterapia e suas características**

A Arteterapia organiza-se como um campo do conhecimento que se propõe a realizar intervenções de cunho terapêutico com o intuito de promover saúde e qualidade de vida (SEI, 2009). De acordo com Carvalho (2006), a Arteterapia configura-se como um triângulo em cujos vértices estão localizados: 1. o cliente/paciente; 2. o arteterapeuta; 3. o processo expressivo ou a produção. Tal representação é também assumida pela Terapia Ocupacional com a substituição da figura do arteterapeuta pela imagem do terapeuta ocupacional e mudança do processo expressivo/produção para a atividade de forma mais ampla (GIANECHINI e SEI, 2012).

Tem uma ampla gama de indicações que abrange desde o público infantil (AIELLO-VAISBERG, 1999) chegando até à terceira idade (FABIETTI, 2004). Seu intuito pode ser tanto de tratar pessoas que já apresentam um quadro de adoecimento (VALLADARES, 2003; VASCONCELLOS. e GIGLIO, 2006), quanto pode ter o propósito de despertar a criatividade e desenvolver potenciais latentes de cada indivíduo.

Lembra-se assim do trabalho das pioneiras da Arteterapia: Margaret Naumburg e Florence Cane. A primeira é criadora da Artepsicoterapia, com enfoque na psicoterapia efetuada com a contribuição dos recursos artístico-expressivos, que favorecem a comunicação no contexto terapêutico (NAUMBURG, 1991). Sua irmã Florence Cane é responsável pela Arte como Terapia, que se detém mais no desenvolvimento da



criatividade (CANE, 1983), entendendo que a Arteterapia pode ser uma ferramenta auxiliar de outros processos terapêuticos (ANDRADE, 2000).

Para a realização do processo arteterapêutico, podem ser empregados diferentes técnicas e materiais artístico-expressivos (SEI, 2011). É possível escolher materiais pré-determinados (CHIESA, 2004) e técnicas específicas considerando as propriedades destes (PHILIPPINI, 2009), ou também, ofertar diferentes materiais no *setting* arteterapêutico deixando que esta escolha seja efetuada pelo participante do processo arteterapêutico.

Diante desta breve caracterização acerca da Arteterapia, passa-se a discorrer sobre a prática arteterapêutica nas diferentes etapas do ciclo vital. Tal apresentação justifica-se por se compreender que nem todos os materiais e técnicas são indicados para determinadas faixas etárias. Têm-se, ademais, especificidades na infância, adolescência, idade adulta e velhice que devem ser contempladas pelo arteterapeuta para um bom desenvolvimento do processo arteterapêutico. Observa-se, igualmente, a importância de um texto norteador quanto a este conteúdo, haja vista a escassez que publicações que sintetizem considerações sobre a Arteterapia nos variados períodos do crescimento. Há livros, artigos e outros tipos de publicações que se detêm em uma ou outra faixa, sem uma síntese mais ampla como o que aqui se propõe.

### **Arteterapia e o desenvolvimento humano**

Diferentes são as teorias acerca do desenvolvimento humano, havendo autores que abordam este processo por meio de perspectivas que focam aspectos de ordem cognitiva, emocional, física e social. Entende-se, assim, que os indivíduos trilham um caminho que perpassa momentos de dependência absoluta, chegando a um estado de

quase independência, que nunca é completa tendo em vista o fato de ser humano e meio ambiente estarem sempre em relação (WINNICOTT, 1963/1983).

É essencial que a mãe esteja sintonizada com as necessidades do bebê, ser que ainda não consegue se comunicar com o ambiente para transmitir-lhe aquilo que sente e precisa. Depende desta sintonia da mãe ou sua substituta para que haja uma identificação e um atendimento àquilo que deseja. Esta condição, denominada por Winnicott (1956/2000) como "preocupação materna primária", começa a se delinear já na gestação e, assim, entende-se que a Arteterapia pode contribuir para a entrada da mulher neste estado, promovendo a saúde mental da mãe e de seu filho.

Um exemplo é o trabalho desenvolvido por Aiello-Vaisberg, Silva, Granato e Felice (2001) por meio do tricô como materialidade mediadora do processo arteterapêutico com gestantes. Indicam que as roupinhas do bebê tricotadas pela mãe configuram-se como sucedâneos externos do próprio útero, contribuindo para uma lida mais satisfatória com as angústias advindas da gestação. No que concerne à formação de grupos com gestantes, Viçosa (1997) defende que o coordenador entreviste as participantes de maneira a conhecer a história pregressa da mulher, obter informações sobre a gravidez, se esta foi planejada, se trata-se do primeiro filho, se houve abortos, se a mulher conta com apoio familiar, dentre outras. Pode-se, com isso, dimensionar se a modalidade grupal é a mais indicada para a pessoa ou se esta deve ser encaminhada para um acompanhamento individual.

Já no cenário da Arteterapia com crianças, Coutinho (2005) aponta que o contrato arteterapêutico deve ser realizado tanto com os pais e/ou responsáveis legais pela criança quanto com a própria criança. Tem-se um indivíduo ainda em formação, em um estado de dependência física, emocional, financeira que demanda um envolvimento do grupo familiar no processo de atendimento. Tendo em vista estes aspectos, entende-se

que o arteterapeuta deve realizar uma entrevista inicial com os pais, para coletar as informações sobre história e queixa, lançando luz para as motivações para a terapia. É possível também refletir sobre a necessidade de encaminhamento da criança e de sua família para outros tipos de atendimento, complementares à Arteterapia.

Quanto à Arteterapia empreendida junto ao público infantil, esta demanda um conhecimento acerca do desenvolvimento, incluindo uma compreensão sobre o desenvolvimento do grafismo. Vários autores discorrem sobre esta temática (GREIG, 2004; LOWENFELD e BRITAIN, 1970; LUQUET, 1969; MOREIRA, 2002), sendo que Mèredieu (2006) faz uma interessante retomada acerca do desenho da criança. Apesar da existência de obras mais recentes sobre o desenho infantil, Lowenfeld e Brittain e Luquet ainda são mencionados por variados arteterapeutas como referências sobre o desenvolvimento do grafismo (SEI, 2011; VALLADARES, 2008).

Sobre as características da arte infantil, Cane (1983) afirma que quando a criança é pequena e impulsiva, sua arte demonstra um caráter inconsciente, adquirindo maior consciência e integração por meio da maturação e desenvolvimento do indivíduo. É interessante ponderar os tipos de materiais ofertados, adequando-os às necessidades de cada etapa. Com isso, se no início tem-se uma expressão mais instintiva, posteriormente a pessoa adquire um caráter mais crítico em relação à própria produção. Acredita-se, portanto, que os materiais oferecidos devem acompanhar estas características, seja de expansão, com materiais mais macios e fluídos, seja de introspecção e esforço, com materiais mais duros e que permitem traços mais precisos. Pensa-se, em concordância com Coutinho (2005), que os primeiros encontros podem ser dedicados justamente à experimentação de materiais variados, que permite a observação de quais atividades são facilitadoras para a criança em questão.

Quanto ao *setting* arteterapêutico, entende-se que a organização do espaço físico deve ajustar-se às propostas, contando com um mobiliário de fácil limpeza (COUTINHO, 2005). E, no que se refere às atividades trazidas pelo arteterapeuta, Liebmann (2000), defende que a escolha deve priorizar atividades que sirvam como um ponto de partida para a imaginação e fantasias habituais a este momento do desenvolvimento. Trata-se de uma faixa etária delicada, visto a fragilidade e a maturação em andamento, que solicitam um conhecimento e cuidado adequado por parte do terapeuta.

A fase seguinte, a adolescência, configura-se como uma etapa marcada por intensas mudanças. O adolescente deve elaborar os lutos pelo corpo infantil, pelo papel e identidade de criança, além do luto pelos pais da infância (ABERASTURY e KNOBEL, 1981). Diante do crescimento dos filhos, o envelhecimento dos pais fica evidente, algo que desperta angústia em ambas as partes, demandando frequentemente um espaço de acolhimento para estes sentimentos.

No que concerne à arte do adolescente, tem-se um momento de maior autocrítica, com escolha por temas relacionados ao contexto social (LOWENFELD e BRITTAIN, 1970). Mostram, por um lado, maior consciência de si mesmos e, por outro, uma falta de autoconfiança e, com isso, a Arteterapia pode se apresentar como uma oportunidade para o teste de ideias e opiniões, sem a sensação de julgamento (LIEBMANN, 2000). Neste cenário têm-se os recursos artístico-expressivos, materialidade mediadora que faz intermediação entre o adolescente e o arteterapeuta, contribuindo para a diminuição de resistências.

Em relação às técnicas indicadas para o público adolescente, Valladares (2002) argumenta que a pintura arteterapêutica pode ser uma escolha adequada por facilitar a expressão da subjetividade dos adolescentes, colaborar para a autoexpressão e elaboração de conteúdos internos, suavizando, assim, tensões. Na visão desta autora, a

tinta exibe-se como um material aprazível de ser manuseado. Tem, ademais, a qualidade de facilitar a expressão da criatividade do *self* e de sentimentos, alcançando-se uma consciência e estruturação destes (VALLADARES, 2002).

Outra modalidade expressiva em Arteterapia é a construção em madeira, sucata e materiais similares, atividade que promove o autoconhecimento. Tem-se uma ampla gama de possibilidades que solicitam um olhar criativo, para imaginar novos usos para a sucata ou para arquitetar produções com a madeira e demais recursos. Ao se notar que os adolescentes distinguem-se pela ansiedade, contradição, idealização e questionamento, defende-se o favorecimento de modalidades expressivas que lhes permitam avaliar, idealizar e fantasiar, tal como a construção solicita (VALLADARES e NOVATO, 2006).

Para a idade adulta como faixa etária específica do desenvolvimento, que possui características particulares que reverberam no processo arteterapêutico, ressalta-se que pouca atenção é destinada pelas publicações em Arteterapia. O que se nota são textos que discorrem sobre a Arteterapia diante de determinadas situações ou patologias, como a drogadição (ORGILLÉS, 2011; VALLADARES, 2011), os transtornos mentais (BASSO, 2011; COQUEIRO, VIEIRA e FREITAS, 2010), o câncer (DITTRICH e ESPÍNDOLA, 2015). Há um vasto número de produções bibliográficas que relatam experiências ou reflexões sobre a Arteterapia com mulheres, sobre esta intervenção como uma ferramenta para trabalhar o feminino, por exemplo.

Opta-se, então, por fazer apontamentos advindos sobre Arteterapia com adultos em geral mais da experiência prática do que da consulta a fontes bibliográficas. Este público usualmente se mostra resistente quanto ao uso dos materiais, indicando a pouca familiaridade com estes. No atendimento a famílias, quando diferentes gerações encontram-se na mesma sessão, percebe-se que as crianças rapidamente mergulham na

atividade expressiva, experimentando os recursos disponíveis e fazendo da arte uma linguagem para a comunicação. Diferentemente, os adultos detêm-se mais na linguagem verbal como meio para expressão (SEI, 2009). Acredita-se que uma técnica interessante para os adultos é, então, a colagem, dado que esta traz imagens previamente delineadas sem a necessidade de se desenhar ou pintar algo. Trabalha-se a capacidade de escolha e síntese (PHILIPPINI, 2009), que favorecem uma gradual entrada no processo arteterapêutico, minimizando resistências e contribuindo para uma retomada da capacidade criativa do indivíduo.

Já a terceira idade configura-se como um momento de vida no qual o indivíduo passa a ser ver diante de perdas variadas, diferentes daquelas experimentadas pelos adolescentes. Há o envelhecimento do corpo, diminuição da acuidade visual, da força física, do papel social desempenhado anteriormente a partir da inserção no mercado de trabalho, perdas de amigos e familiares cuja vida se encerra. Tal situação desperta sentimentos e favorece um processo de revisão das escolhas feitas ao longo da vida, lembrando que "a depressão consiste em enfermidade mental frequente no idoso, associada a elevado grau de sofrimento psíquico" (STELLA e cols., 2002, p. 92).

Tendo em vista este cenário, compreende-se que intervenções terapêuticas mostram-se como algo pertinente para esta faixa etária, contribuindo para uma avaliação da vida, conhecimento dos limites e possibilidades e o despertar de potenciais ainda latentes. Além disso, alguns autores apontam para a relação existente entre habilidades sociais, apoio social e qualidade de vida na terceira idade. Defendem a importância de propostas no campo do desenvolvimento de habilidades sociais, haja vista que "as deficiências em habilidades sociais parecem constituir um fator de vulnerabilidade para a baixa qualidade de vida e para a depressão em indivíduos da terceira idade" (CARNEIRO e cols., 2007, p. 236).

Acredita-se que a Arteterapia revela-se como uma intervenção terapêutica profícua para o público idoso, cuja materialidade das produções feitas durante as sessões aponta para a capacidade produtiva ainda presente nestes indivíduos. Contudo, o processo arteterapêutico deve ser adaptado levando em consideração as características desta população. De acordo com Liebmann (2000), os idosos necessitam de maior estrutura, ou seja, tanto o espaço físico quanto as atividades elencadas para a sessão devem ter uma estrutura maior.

Deve-se ponderar que os idosos se cansam com facilidade e, com isso, é interessante que o tempo destinado para os encontros seja inferior àquele proposto para pessoas de outras faixas etárias. O arteterapeuta precisa se atentar para as incapacidades (LIEBMANN, 2000), de tal modo que se pensa não serem indicadas propostas que demandem força física, como, por exemplo, o corte de pisos com torquês para o mosaico, ou que necessitem de boa acuidade visual e coordenação motora, como ponto-cruz e outros tipos de bordados. Deve-se promover o aprimoramento das habilidades que tais participantes tenham na atualidade. A Arteterapia pode cumprir, ademais, a função de favorecer o aumento da interação social, especialmente quando se opta pela modalidade grupal, contribuindo para que o indivíduo recorde de sua vida, discorrendo sobre aspectos positivos e negativos desta (LIEBMANN, 2000).

Coutinho (2008) argumenta que nem todos os profissionais mostram um apreço por trabalhar com idosos, haja vista o fato de se ver face ao próprio processo de envelhecimento, situação que desperta sentimentos frequentemente desconfortáveis. De acordo com esta autora, resistências podem estar presentes não apenas nos arteterapeutas, como também nos idosos, por meio de "um olhar pessimista direcionado ao mundo, ao futuro e a si" (p. 78). Sugere-se, portanto, o uso de técnicas mais lúdicas e



com um fator "surpresa" associado, sem a necessidade de uma manipulação precisa dos recursos artístico-expressivos ofertados (COUTINHO, 2008).

### Considerações finais

Compreende-se que o arteterapeuta se configura, então, como um profissional que deve conhecer as especificidades de cada etapa do desenvolvimento humano, de maneira a melhor adaptar as técnicas e materiais empregados no contexto das sessões. Cada idade demanda um posicionamento diferente do arteterapeuta, sendo relevante uma compreensão acerca das particularidades da Arteterapia empreendida em diferentes etapas do ciclo vital. De tal maneira, objetivou-se, com esta apresentação, trazer para a cena esta temática explorada de maneira separada em publicações dedicadas ao entendimento de um público ou outro, sintetizando os apontamentos realizados por arteterapeutas e pesquisadores da área e instrumentalizando profissionais que se proponham a trabalhar com estes diferentes públicos.

Data de recebimento: 31 de janeiro de 2015.

Data de aceite: 10 de fevereiro de 2015.

### Referências

- ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Arteterapia para crianças. **Pediatria Moderna**, v. 35, n. 8, p. 654-660, 1999.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; SILVA, L. S.; GRANATO, T. M. M. e FELICE, E. M. Tricotando para o bebê que se espera: arte terapia para gestantes na clínica winnicottiana. **Mudanças**, v. 9, n. 15, p. 37-56, 2001.
- ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.
- BASSO, F. S. A arteterapia gestáltica como instrumento na clínica individual com clientes que estão esquizofrênicos **IGT na Rede**, v. 8, n. 15, 2011.



- CANE, F. **The artist in each of us**. Edição revisada. Washington: Art Therapy Publications, 1983.
- CARNEIRO, R. S. e cols. Qualidade de vida, apoio social e depressão em idosos: relação com habilidades sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 229-237, 2007.
- CARVALHO, R. L. G. O polimorfismo da arte de sonhar ser. **Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida**, v. 3, n. 3, p. 05-17, 2006.
- CHIESA, R. F. **O diálogo com o barro: o encontro com o criativo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- COQUEIRO, N. F.; VIEIRA, F. R. R.; FREITAS, M. M. C. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 23, n. 6, p. 859-62, 2010.
- COUTINHO, V. **Arteterapia com crianças**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2005.
- COUTINHO, V. **Arteterapia com idosos: ensaios e relatos**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2008.
- DITTRICH, M. G. e ESPÍNDOLA, K. S. S. Tecnologia em arteterapia para à saúde de pessoas com câncer de mama. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, v. 5, n. 3, p. 10-19, 2015.
- FABIETTI, D. M. C. F. **Arteterapia e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- GIANECHINI, S. S. e SEI, M. B. Arteterapia e Terapia Ocupacional no Brasil: uma discussão sobre semelhanças e diferenças. **Revista de Arteterapia da AATESP**, v. 3, n. 1, p. 3-18, 2012.
- GREIG, P. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LIEBMANN, M. **Exercícios de arte para grupos: um manual de temas, jogos e exercícios**. São Paulo: Summus, 2000.
- LOWENFELD, V. e BRITTAIN, W. L. **O desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Livraria Civilização – Editora, 1969.
- MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- NAUMBURG, M. Arteterapia: seu escopo e sua função. In: HAMMER, E. F. (org.) **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. p. 388-392.
- ORGILLÉS, P. Arteterapia en las drogodependencias. **Arteterapia. Papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social**, v. 6, p. 135-149, 2011.



PHILIPPINI, A. **Linguagens, materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedades.** Rio de Janeiro: WAK Editora, 2009.

SEI, M. B. **Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento à violência familiar.** Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009.

SEI, M. B. **Arteterapia e psicanálise.** São Paulo: Zagodoni, 2011.

STELLA, F. e cols. Depressão no idoso: diagnóstico, tratamento e benefícios da atividade física. **Motriz**, v. 8, n. 3, p. 91-98, 2002.

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas.** Dissertação (mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.

VALLADARES, A. C. A. **A Arteterapia humanizando os espaços de saúde.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

VALLADARES, A. C. A. Arteterapia no cuidar e na reabilitação de drogadicotos (álcool e outras drogas): símbolos recorrentes. **Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida**, v. 13, p. 23-37, 2011.

VALLADARES, A. C. A.; NOVATO, A. C. R. S. Aspectos transformadores da construção em arteterapia com adolescentes. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 3, n. 1, 2006.

VALLADARES, A. C. A.; OLIVEIRA, C. A.; MUNARI, D. B.; CARVALHO, A. M. P. Arteterapia com adolescentes. **Revista do Departamento de Arte terapia do Instituto Sedes Sapientiae**, v.5, n.5, p.19-25, 2002.

VASCONCELLOS, E. A. e GIGLIO, J. S. **Arte na psicoterapia: imagens simbólicas em psico-oncologia.** São Paulo: Vetor, 2006.

VIÇOSA, G. R. Grupos com gestantes. In: ZIMERMAN, D. E. e OSORIO, L. C. (orgs) **Como trabalhamos com grupos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 305-309.

WINNICOTT, D. W. (1956) A preocupação materna primária. Em: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas.** Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 399-405.

WINNICOTT, D. W. (1963) Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 79-87.